

Formação de Leitores
17/05/2024
As Parábolas da Misericórdia (Parte II)

1. A dracma perdida (Lc 15,8-10)

Há quatro reflexões importantes a retirar desta segunda parte da grande parábola de Lc 15 que vale a pena analisar:

1- A proporção daquilo que é perdido em relação ao todo é maior do que na narrativa do pastor que perde uma ovelha em cem. Aqui, trata-se de uma moeda em dez. Tudo indica que aquela mulher era pobre, porque possuía uma quantidade ínfima de dinheiro. Cada moeda faz-lhe falta! Representa uma porção importante, insubstituível de todo o seu sustento. Poder-se-ia dizer que aquela pequena dracma é *estimada* porque é *essencial* à sua vida. Alessandro Pronzato, teólogo, acrescenta: *“dadas as condições daquela mulher, o valor da moeda perdida é certamente superior ao valor de uma ovelha para o pastor.”* Cada pessoa é preciosa e insubstituível no Coração do Pai. Ele recusa-se a abdicar de um só dos seus.



2- Curiosamente, nesta parte da parábola, a procura é narrada com detalhe (ao contrário da narrativa do pastor). Face à perda, a mulher não desiste, e, à semelhança do pastor, vai *procurar até encontrar* (com resiliência) aquela moeda. Não seria uma busca fácil. Na Palestina do séc. I as casas de camponeses e pessoas humildes eram geralmente escuras, praticamente sem janelas para permanecerem frescas durante o dia. O chão era térreo e de xisto pedregoso. Seria necessário varrê-lo até fazer tilintar a dracma por entre as frestas das pedras. Vemos claramente a *imagem de uma mulher persistente que, “cuidadosamente”* (v.8), *de candeia numa mão e vassoura na outra, vai percorrendo cada milímetro de chão e parede, de cantos, frestas e mobília tosca até ENCONTRAR a sua estimada moeda.*

3- Um pormenor não menos relevante é Jesus introduzir uma personagem feminina. Ele aponta uma mulher como exemplo de um Deus que procura o que perdeu de precioso. Uma outra possibilidade de interpretação: segundo a cultura da época, as dez dracmas poderiam formar um colar, um presente de noivado. Por isso, cada dracma seria insubstituível, porque unidas formavam o símbolo de um futuro casamento. Além disso, numa cultura marcada pelo modelo patriarcal e autoritário do chefe de família, Jesus espanta-nos com a figura *constante de uma mulher humilde, que na sua perseverança e fragilidade aparente é a imagem ideal do Pai Misericordioso.*



- 4- Em vez de um campo aberto, desta vez, a moeda foi perdida “*em casa*”. Por vezes, poderá haver cristãos “*perdidos em casa*”, nas comunidades, sem orientação, ajuda ou proximidade. Aparentemente podem parecer integrados, mas na realidade poderão ser negligenciados ou ignorados.

“**Alegrai-vos comigo**” (v. 6 e v.9): esta exortação de Jesus está presente nas duas narrativas da parábola. É urgente que os fariseus e escribas (e nós!) participem na ALEGRIA do ENCONTRO com os “*perdidos*”. Ninguém se salva sozinho. A Salvação é a expressão de uma alegria partilhada, que não deve ser rejeitada. Por isso, Jesus criticava a hostilidade dos mesmos face às refeições e amizade que estabelecia com os pecadores e publicanos:

“Na verdade, veio João, que não come nem bebe, e dizem dele: 'Está possesso!' Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: 'Aí está um glutão e bebedor de vinho, amigo de cobradores de impostos e pecadores!' ” (Mt 11, 18-19).

A ALEGRIA tem de irromper na vida, seja pela porta onde fomos ENCONTRADOS, seja pela porta onde saímos À PROCURA dos “*perdidos*”. Ambas as portas apontam para o mesmo destino, ou melhor dizendo, a oportunidade a que nenhum cristão deve permanecer alheio, pois segundo o Evangelho trata-se, sem dúvida, de uma Alegria de Viver!

2. O filho pródigo (Lc 15,11-32) – 1ª parte

Quem conseguir entender o pleno sentido desta narrativa, atinge a essência de todas as parábolas. Trata-se da “*parábola rainha*” entre as outras presentes nos evangelhos, pela sua riqueza literária e *densidade de sentido* a respeito de Deus Pai.

“*Pródigo*” é um adjetivo com duplo sentido: por um lado, denota abundância ou generosidade; por outro lado, também significa “*gastador*”, “*avarento*” ou “*somítico*”. Vários teólogos preferem que o subtítulo desta narrativa da parábola devia condizer com o primeiro significado, mais positivo, diretamente relacionado com a figura do pai, como por exemplo: “*A parábola do Pai Misericordioso*”; “*A parábola do amor do Pai*”; “*O pai pródigo*”.

Contudo, o subtítulo presente nos evangelhos recai antes no segundo sentido. E, de facto, o início deste terceiro ato, ou narrativa da parábola, sugere-nos o pior dos cenários: um homem tem dois filhos, e *nenhum deles se identifica remotamente com o pai, nem um com o outro*. Pior ainda, como um violentíssimo “*murro no estômago*” dirigido aos ouvintes, o filho mais novo decide pedir ao pai a sua parte da herança: *isto não é um pedido, mas o pior dos insultos e uma sentença de morte*.

Por outras palavras, é como se o filho dissesse: “*A partir de hoje estás MORTO para mim! Por isso, dá-me já a parte que me pertence de toda a tua riqueza, do teu sustento*”. Em qualquer cultura, a herança só é passada aos descendentes na *iminência de* ou *após* a morte do pai, e a tradição judaica não é exceção:

“nos últimos dias da tua vida, na hora da tua morte, distribui a tua herança” (Sir 33,24).



Por outro lado, se este pedido rebelde e tão ofensivo fosse efetivamente dirigido a um pai, levado até às últimas consequências e segundo a mesma tradição, poderia resultar na execução pública do próprio filho:

“todos os homens da cidade o apedrejarão e ele morrerá. Assim extirparás o vício do meio de vós. Todo o Israel o há-de saber e se encherá de temor.” (Dt 21,21).

O primeiro choque da parábola, é que **ESTE pai** não se zanga, não se ofende, nem tampouco se faz valer dos seus direitos de propriedade ou honra. **Imediatamente, sem demora, ele faz a vontade aos filhos.** Apesar de absurdo, respeita a liberdade dos dois. E curiosamente, a palavra original do texto não é “herança”, mas antes “**VIDA**” (biós). Uma tradução mais literal do texto poderia ser:

“E o pai repartiu a sua VIDA (biós) pelos dois” (v.12).

O evangelista podia ter escolhido outras palavras no grego original para denotar melhor o termo “herança”, mas Lucas escolheu a palavra “biós”. Esta seleção não foi inocente nem ambígua. Serviu antes para dar ênfase ao seu duplo sentido, para criar impacto, nomeadamente ao que *a palavra nos conta sobre a figura do pai. Este pai DÁ TUDO: TUDO o que Ele é, TODO o seu sustento, por amor aos dois filhos.*

É um Pai escandalosamente BOM, que se DÁ A SI MESMO aos dois filhos, até aquele que o desejava morto...

Um Pai que, face à provocação da morte, RESPONDE com a SUA VIDA.

Bibliografia:

Alessandro Pronzato, *“El abrazo del padre”*, Sal Terrae, 2003;

Alessandro Pronzato, *“Las Parabolas de Jesus en Evangelio de Lucas”*, Ediciones Suígueme, 2003.

António Couto, *“A Misericórdia, Lugar e modo”*, Letras & Coisas, 2016;

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização, *“As Parábolas da Misericórdia”*, Paulus Editora, 2015.